

# OPINIÃO E DEBATE

## Imposição de modelo cultural

Margarita Barretto

### A conjuntura histórica

Há alguns anos escrevemos um artigo onde chamávamos à reflexão sobre o quê seria o fenômeno turístico desde o ponto de vista cultural: se um verdadeiro intercâmbio (como desejável) ou uma imposição do modelo — ou padrão — dos países (ou classes) dominantes aos oprimidos.

As notícias que chegam a nós hoje desde Seul provam que, infelizmente, a nível de Turismo internacional predomina o padrão de imposição. Temos notícia de que, a nível institucional, está-se promovendo uma campanha para que o povo coreano deixe de comer as suas comidas típicas — carne de gato e cachorro — porque as mesmas podem chocar ou, mesmo afugentar os turistas.

Ora, será que os turistas hindus não ficam chocados com este ocidente que devora as vacas que para seu povo são sagradas? Alguém por acaso pensou em fazer qualquer coisa? Ou será que por

trás deste interesse nos turistas das autoridades coreanas há uma grande cadeia multinacional de venda dos hamburguers enebados com pão de plástico tão apreciados pela decadente "civilização" de certo país do norte que se acredita dono do mundo?

Seja como for, é um problema que o povo coreano deverá resolver.

### E o que nós temos a ver?

O que nos irrita como teóricos do Turismo que somos, atuando fundamentalmente na área de Turismo Cultural é que seja desvirtuado o sentido desta atividade humana, que sejam usados Turismo e Turistas, subvertendo o conteúdo intrínseco do primeiro.

Viaja-se, para quê? Só para ver outras paisagens? Acreditamos que não; o sentido da viagem é mais completo; viaja-se para conhecer outras culturas. E cultura é tudo aquilo que um determinado povo faz para viver e sobreviver, desde a forma em que supre as suas ne-

cessidades básicas de alimentação, moradia e vestuário, até a forma como se diverte, como reverencia seus deuses, como se locomove, como se relaciona com os outros grupos humanos.

Não negamos que seja necessária uma certa flexibilidade. Há três ou quatro anos uma colega comentou que uma companhia aérea que fazia o percurso Brasil-Japão desistiu de servir feijoada a bordo porque o prato nacional brasileiro era, para o padrão japonês, visualmente desagradável. Isto não quer dizer que todos os restaurantes do país devam deixar de fazer feijoada porque os turistas podem não gostar.

Um ditado muito velho diz: quando fores a Roma, fazei o que os romanos

fazem. E a cultura popular é a fonte de toda sabedoria...

Se deixarmos que, em nome do Turismo, a cultura dos povos seja modificada, estaremos deixando que o Turismo seja convertido em arma a serviço da destruição dos mais fracos e, então, ele não terá mais razão de ser.

Santos Dumont suicidou-se quando viu o avião sendo usado para a guerra. Não acho que os "turismólogos" devam-nos suicidar em massa. Creio, sim, que devemos estar muito atentos para não permitir que a história se repita, defendendo o conteúdo cultural do Turismo na teoria e também na prática cotidiana.

## Os prêmios do progresso cultural e os seus custos

**Norma Felicidade Lopes da Silva**  
(Professora do IAC/PUCCAMP)

O tema é complexo e abrangente.

Numa primeira abordagem entendo-o da seguinte maneira: Octávio Ianni, num ensaio antigo intitulado "O Estado e a Organização da Cultura", publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 1, 1978, pp. 216-241, diz que "a atividade intelectual produz interpretações diversas das que são preconizadas pelo governo", razão pela qual a repressão sobre a maioria destas atividades é uma constante, não só de mo-

do direto, como ocorreu no período abordado no ensaio citado, de 1964 a 1978, mas também, subsequenteemente, de maneira mais branda, por um outro tipo de pressão, principalmente, a econômica.

É por este ponto de vista, que pretendo desenvolver minha reflexão.

A interligação entre o poder constituído e a atividade cultural é um dos mais crônicos males culturais por que

## OPINIÃO E DEBATE

passa a cultura brasileira, influenciando, direta ou indiretamente, as relações entre o progresso e a decadência culturais.

De um modo geral, dois grandes fatores contribuem para essa interligação. Em primeiro lugar a existência no país de governos autocratas (principalmente desde a ditadura Vargas até o período militar pós-64). Esses governos, sabedores que a atividade intelectual-cultural independente iria, faltamente, produzir interpretações diferentes das aceitas por eles, criando um progresso cultural independente, tratam, num primeiro momento, de ganhar essa atividade de modo a ter um controle sobre a produção cultural. (Apesar da redemocratização do país, este panorama ainda não mudou totalmente). A produção cultural que se proclama independente e pode conseguir algum tipo de penetração e influência sofre a repressão, o poder da força, que faz calar ou tenta, e quase sempre consegue. E assim, o que vemos, é a decadência cultural em vez do progresso cultural.

Entre estes dois aspectos, a cooptação e proclamação de independência seguida de repressão, há fatores intrínsecos que devem ser levados em conta. No primeiro caso valeria a pena questionar qual o papel do produtor de cultura, do intelectual, do artista, perante a sociedade, tendo-se em vista o progresso cultural. Seria a produção cultural apenas uma diversão ou um modo de ganhar a vida? Estaria ela acima desses "problemas", sobre os quais o governo e a sociedade agem como seres antagônicos? Ou o intelectual ou artista têm como principal função refletir no seu trabalho todo o problema social e buscar soluções a partir da análise desses problemas? Em suma: um ser pensante capaz e posicionado, que fatalmente ficará de um lado ou de outro e com conhecimento capaz para fundamentar essa posição, visando o progresso cultural.

Oduvaldo Vianna Filho dizia que o principal problema do teatro brasileiro nunca foi a censura, mas as relações econômicas com o governo, que se têm agravado muito. Queixava-se ele, também, que naquela época, a verba a ser rateada entre as companhias no Brasil, era equivalente ao custo de uma única peça. Mas, por que a sobrevivência dessas companhias estaria tão intimamente ligada a uma verba oficial? Se havia e há uma produção cultural, que questiona a realidade nacional, uma produção que critica o governo — críticas aliás todas válidas, corretas, bem fundamentadas —, por que ter que se socorrer aos chamados "prêmios do progresso cultural", para se montar uma peça teatral? Seria um caso para se evitar a decadência cultural?

Ocorre que o próprio governo cria mecanismos, na "organização" da sociedade, que contribuirão decisivamente para que um empreendimento artístico tenha um elevado custo, desanimando, de pronto, qualquer projeto para o progresso cultural independente, e forçando a necessidade da subvenção oficial, com seus "prêmios".

Com isso, o governo poderá realizar a triagem a seu modo, sendo "bonzinho" para a produção cultural (e aqui não se refere apenas ao teatro), que não atenta contra o *status quo*, ao bom costume, etc.

Aí, a posição do artista, do intelectual, se torna vulnerável. Qual o caminho a seguir? Ser "maldito" porque consciente da decadência cultural, ou cooptar para se servir dos prêmios do progresso cultural oficial?

Para alguns, o caminho é um só, e está irremediavelmente ligado à busca e ao encontro claro de uma forma que garanta o progresso cultural consciente, sem depender do esquema político-sócio-econômico-cultural oficial. E um dos poucos que conseguem sobreviver

## OPINIÃO E DEBATE

agindo assim, por exemplo, é Dias Gomes (no caso da novela e do teatro), que em 1976 dava um depoimento à respeito, ainda hoje válido: "Mas me parece fora de dúvida que a legitimidade artística de uma obra é condição essencial para sua real eficiência política. Parece-me que em nosso tempo e em nossa sociedade a opção é clara; ou se escreve para o povo, ou se escreve contra o povo. Assim, todo autor é participante (engajado), ainda mesmo que não pretenda ser; omitir-se é favorecer o mais forte".

Embora se referisse ao teatro, seu raciocínio pode ser projetado para qualquer manifestação cultural que objective o progresso cultural independente, indicando, seguramente, que o artista ou o intelectual deve sempre ter a sua opção clara. Caso contrário estará comprometendo sua própria condição de criador-pensador. Ou seja, a sociedade

em que vivemos exige sempre um posicionamento; e fazer a chamada "arte pela arte" para agradar a classe dominante e se evitar a decadência cultural, ou se fechar numa câmara escura ideológica, que não se aplica à prática, como vem acontecendo com os nossos pseudo-intelectuais, resguardados pelo manto sagrado das academias e universidades, é cair na decadência cultural.

É, pois, a partir desse posicionamento que o produtor de cultura, seja artista ou intelectual, ou ambos ao mesmo tempo, devem buscar criar os mecanismos necessários à sua sobrevivência como tal, a fim de conseguir o progresso cultural do seu meio. Não se esquecendo que a arte ligada ao poder só tem sentido quando esse poder está também intimamente ligado ao povo.

O que infelizmente ainda não é o caso da cultura brasileira.